

Pelas ausências que são todas nossas

“Não foi como se não tivesse me ouvido; como se não me tivesse visto; foi como se os seus ouvidos não servissem para ouvir, como se os seus olhos não servissem para ver. [...] Talvez esse parecer exija a debilidade dos meus olhos. [...] Minha Alma ainda não passou para a imagem senão eu teria morrido, teria deixado de ver (talvez) Faustine, para estar com ela numa visão que ninguém recolherá.”

Adolfo Bioy Casares, in A Invenção de Morel

Ela fotografava como quem guardava segredos. Segredos silenciosos, míopes, escuros, delicados. Pequenos cintilares, seus personagens pareciam protagonizar histórias misteriosas; e adentravam salas vazias, e se prostravam em janelas aguardando o passar das horas, lançando olhares de esperas infundáveis. Não eram consideradas “boas” fotografias, não, aquelas que ela tirava. Faltava alguma técnica, tão propagada nas rodas dos fotógrafos, seus amigos. Eles não entendiam que sim, ela conhecia o equipamento, mas o subvertia, cultivava fungos em lentes, desestabilizava o eixo da lâmpada do ampliador. Era assim que ela gostava de ver os habitantes de seus mundos, que chegavam cruzando corredores infinitos, jardins de caminhos bifurcados, salas de espelhos, que ao refletir, revelavam, por detrás da prata oxidada, outros rostos, todos estranhos, todos seus.

Era um tempo sem fim que guardava suas horas no escuro quarto, em que a mãe adentrava, sem saber que a criança se esgueirava, sorrateira para observar o misterioso surgir das imagens. E quando ela saía, a outra permanecia lá, misturando pedaços de vidro, captando vultos luminosos sobre o papel.

E ela seguiu rumo, recolheu imagens de esquecimento ao poente, entre conversas débeis repletas de sentidas lembranças perdidas e esquecimentos. Mergulhou nas imagens, furou suas camadas epiteliais para buscar a carne a vida com a qual sonhava, pois sim, suas imagens não eram de perdas ou de morte. Ela conferia nova vida a elas, retirava dos cantos vazios, das gavetas, do fundo de outras imagens.

Buscando sentido no que poderia ser banal, sutil, corriqueiro, olhou para epifanias do cotidiano, num *pequeno cinema* doméstico, seu e da outra que atravessou a porta. A tecnologia não é o princípio de seu jogo, é apenas viabilização, um equipamento para anotações visuais, diário íntimo, *digital-shot*, *fotocelular*, fotograma. A fala é a da intimidade, da aproximação com que ela e outros adentram nas imagens.

Memória, esquecimento? Já não importa mais e nem há diferença. Suas imagens habitam um campo de suspensões temporais. Abstraídas,

espalhadas, suspensas, buscando elaborar um segredo que permanece no pacto que ela cumpriu. Talvez um dia ela encontre o lugar, o paradeiro daquelas fotografias perdidas, talvez quem sabe numa sala repleta de imagens esquecidas que se iluminarão com o calor da presença de nossos corpos. E, talvez, lá, confirme que, mesmo o que nós esquecemos mais, lembramos mais... e já não há mais saída.

Orlando Maneschy

Texto escrito para a exposição de Quito em 24 de outubro de 2008